

Capítulo Um

Num dia enevoados mas luminoso, pelas quatro da tarde do dia 1 de abril de 192... (um crítico estrangeiro observou uma vez que enquanto muitos romances, a maior parte dos alemães por exemplo, começam com uma data, só os autores russos, agarrando-se à honestidade característica da nossa literatura, omitem o último dígito), um furgão de mudanças, muito comprido e muito amarelo, atrelado a um trator também amarelo, de rodas traseiras hipertrofiadas e anatomia exposta desavergonhadamente, parou à frente do número sete da Rua Tannenbergl, na parte Oeste de Berlim. A frente do furgão tinha um ventilador em forma de estrela. Escrito a todo o comprimento da caixa lia-se o nome da empresa de mudanças em letras azuis da altura de um metro, cada uma delas (incluindo um ponto quadrado) sombreada lateralmente a tinta preta: uma tentativa desonesta de se inserir na dimensão seguinte. No passeio, à frente da casa (onde também eu morarei), estavam duas pessoas que obviamente tinham vindo à rua ao encontro da sua mobília (na *minha* mala há mais manuscritos do que camisas). O homem, ataviado num sobretudo grosseiro castanho-esverdeado a que o vento dava um leve sobressalto de vida, era alto, de sobrancelhas espessas e velho, com o grisalho das suíças a avermelhar-se junto à boca, na qual mantinha apaticamente a ponta de um charuto apagado e meio desfeito. A mulher, volumosa e já nada nova, de pernas arqueadas e um rosto pseudochinês bastante atraente, vestia um casaco de astracã; o vento, depois de a contornar, trouxe um eflúvio de um perfume bastante bom mas ligeiramente choco. Estavam ambos imóveis e observavam fixamente com tanta atenção que se poderia pensar que iam ser vigarizados pelos três tipos fortalhões de pescoço vermelho e avental azul que lutavam com os móveis.

Um dia, pensou, tenho de usar uma cena assim para começar um romance dos antigos, bem grosso. Este pensamento fugaz estava impregnado de uma ironia descuidada; uma ironia, contudo, que era bastante desnecessária, porque alguém dentro dele, em seu nome, independentemente dele, absorvera tudo aquilo, registara-o e classificara-o. Ele próprio só se tinha mudado hoje, e agora, pela primeira vez, na situação de residente de fresco, saíra para comprar algumas coisas. Conhecia a rua e, de facto, toda a vizinhança: a pensão de onde se mudara não era longe; até hoje, no entanto, a rua rodara e deslizara para um lado e para outro, sem qualquer ligação com ele; hoje, parara subitamente; doravante estabilizar-se-ia como prolongamento do seu novo domicílio.

Ladeada de tílias de médio porte, com gotinhas de chuva suspensas e repartidas entre as vergôntes negras intrincadas segundo a organização futura das folhas (amanhã cada gota conterà uma pupila verde); completada por uma macia superfície alcatroada de uns trinta pés de largo e passeios variegados (feitos à mão e agradáveis ao pé), subia com uma inclinação quase impercetível, começando com um posto dos correios e terminando numa igreja, como um romance epistolar. Com um olhar experimentado, examinou-a à procura de qualquer coisa que se tornasse uma dor quotidiana, uma tortura quotidiana para os seus sentidos, mas não parecia haver nada disso à vista, e a luz difusa daquele dia de primavera cinzento estava não só acima de suspeita como prometia até adoçar qualquer ninharia que com outro tempo mais luminoso não deixaria de se produzir; poderia ser tudo: por exemplo, a cor de um edifício que provoca imediatamente um gosto desagradável na boca, um gosto a farinha de aveia, ou mesmo a *halvah*; um pormenor arquitetónico que chama efusivamente a atenção cada vez que se passa no local; o irritante simulacro de uma cariátide, parasita e não um suporte, que, mesmo com um peso mais leve, se desfaz em pó de argamassa; ou, no tronco de uma árvore, preso com uma tacha enferrujada, o canto inútil mas perpetuamente conservado de um cartaz escrito à mão (a tinta que escorre, o cão azul que se perdeu) que sobreviveu à sua finalidade mas que não foi completamente arrancado; ou então um objeto na montra de uma loja, ou um cheiro que se recusa no último momento a dar a recordação que parecia pronto a gritar e que em vez disso permanece no seu canto, mistério fechado sobre si próprio. Não, não havia nada disso (pelo menos, para já não havia); seria uma boa ideia, pensou, um dia destes

estudar, com tempo, tal sequência de três ou quatro tipos de lojas e ver se tinha razão em conjecturar que essa sequência obedece à sua própria lei de composição, de tal maneira que, encontrada a disposição mais frequente, se pode deduzir o ciclo médio para as ruas de uma dada cidade, por exemplo: tabacaria, farmácia, frutas e legumes. Na Rua Tannenberg estas três lojas estavam dissociadas, ocorrendo em cantos diferentes; talvez, no entanto, a congregação rítmica ainda não se tivesse estabelecido e, no futuro, cedendo a esse contraponto (à medida que os proprietários falissem ou se mudassem), começassem gradualmente a juntar-se segundo o padrão próprio: a venda de frutas e legumes, com um olhar para trás, atravessaria a rua para estar primeiro a sete e depois a três portas da farmácia, mais ou menos da mesma maneira que num filme publicitário as letras dispostas desordenadamente encontram os seus lugares; e no fim há sempre uma que faz uma espécie de cabriola e apressadamente vai para o seu lugar (personagem cômica, o inevitável Zé Reguila entre os novos recrutas); e vão ficar assim à espera, até que um lugar adjacente fica vago, e então ambas piscam o olho à tabacaria, como a dizer: — Depressa, anda — ; e antes que se dê conta, estão todas seguidas, formando uma fila canónica. Meu Deus, como detesto isto tudo, as coisas nas montras, o rosto obtuso da mercadoria, e, sobretudo, o cerimonial da transação, a fartura enfastiante dos cumprimentos trocados antes e depois! E a modéstia do preço de pestanas baixadas... a nobreza do desconto... o altruísmo dos anúncios... toda essa execrável imitação do bem que tem uma estranha maneira de atrair a boa gente: Aleksandra Yakovlevna, por exemplo, confessou-me que quando vai às compras em lojas familiares é moralmente transplantada para um mundo especial onde se sente embriagada pelo vinho da honestidade, pela gentileza dos favores recíprocos, e responde ao sorriso encarnado do vendedor com um sorriso de êxtase radioso.

O tipo de loja de Berlim onde ele entrou pode ser adequadamente definido pela presença a um canto de uma mesinha com um telefone, uma lista telefónica, narcisos num vaso e um grande cinzeiro. Esta loja não tinha os cigarros russos de ponta de cartão que preferia, e teria saído de mãos vazias se não fosse o colete às pintas com botões de madreperola do vendedor de tabaco e a sua careca cor de abóbora. Sim, em toda a minha vida hei de obter este pequeno pagamento extra em espécie para me compensar do habitual pagamento a mais das mercadorias que me são impingidas.

Ao atravessar a rua em direção à farmácia da esquina virou a cabeça involuntariamente por causa de um estilhaço de luz que fizera ricochete na sua têmpora e viu, com o sorriso rápido com que cumprimentamos um arco-íris ou uma rosa, um paralelogramo de céu branco ofuscante que era descarregado do furgão: uma cómoda com espelho que, como um ecrã de cinema, passava o reflexo, de uma nitidez sem falha, de ramos que não deslizavam e ondulavam arboreamente, mas com uma vacilação humana, produzida pela natureza dos que transportavam aquele céu, aqueles ramos, aquela fachada deslizante.

Continuou a andar para a loja, mas o que acabara de ver — ou porque lhe deu um prazer idêntico ou porque o apanhou desprevenido e o fez dar um salto (como as crianças que se deixam cair na escuridão elástica de um palheiro) — libertou nele aquela coisa agradável que desde há alguns dias jazia no fundo escuro de cada um dos seus pensamentos e se apossava dele à mínima provocação: a minha coletânea de poemas foi publicada; e quando, como agora, o seu espírito tropeçava desta maneira, ou seja, quando se lembrava dos cinquenta e tantos poemas que acabavam de ser publicados, percorria num instante o livro inteiro, a ponto de na bruma instantânea da sua música furiosamente acelerada não se conseguir extrair nenhum sentido dos versos tremeluzentes — as palavras familiares passavam a grande velocidade, redemoinhando numa espuma violenta (cuja agitação se transformava num poderoso movimento fluido se nele se fixassem os olhos, como fazíamos há muito tempo, quando olhávamos para ele da ponte oscilante de um moinho até a ponte se transformar na popa de um navio: boa viagem!), e esta espuma, e este tremeluzir, e um verso destacado que passava a toda a velocidade sozinho, gritando de longe num êxtase frenético, ordenando-lhe provavelmente que regressasse a casa, tudo isso, juntamente com o branco cremoso da capa, se fundia num sentimento feliz de uma excepcional pureza... Que estou a fazer!, pensou, abruptamente, voltando a si e dando-se conta de que a primeira coisa que fizera ao entrar na loja seguinte fora deitar o troco que recebera na tabacaria na ilhota de borracha a meio do balcão de vidro, para lá do qual se entrevia o tesouro submerso dos perfumes em frascos, enquanto o olhar fixo da caixeira, condescendendo com o seu bizarro comportamento, seguia com curiosidade a mão absorta que pagava uma compra que ainda não fora nomeada.

— Um sabonete de amêndoa, se faz favor —, disse com dignidade.

Logo após, voltou para casa com o mesmo passo elástico. O passeio agora estava vazio, com exceção de três cadeiras azuis que pareciam ter sido dispostas por crianças. Dentro do furgão, um pequeno piano castanho estava deitado de costas, amarrado de maneira a não poder levantar-se e com os pequenos pedais metálicos no ar. Nas escadas encontrou-se com os homens das mudanças, que desciam pesadamente, de joelhos arqueados para fora e, ao tocar à campainha do seu novo domicílio, ouviu vozes e marteladas no andar de cima. A sua hospedeira deixou-o entrar e disse que lhe deixara as chaves no quarto. Esta grande e predadora alemã tinha um nome engraçado: Klara Stoboy — que ao ouvido russo soava com uma firmeza sentimental como «Klara está contigo (*s toboi*).»

E cá está o quarto oblongo, e cá está a mala pacientemente à espera... e foi aqui que o seu humor despreocupado se transformou em vontade de vomitar: Deus poupe a todos e a qualquer um o aborrecimento horrível e degradante, a recusa periódica de aceitar o vil jugo de novas instalações periódicas, a impossibilidade de viver face a face com objetos totalmente estranhos, a inevitabilidade da insónia neste divã!

Durante algum tempo manteve-se imóvel à janela. No leite coagado do céu, onde circulava o Sol cego, formavam-se de vez em quando cavidades opalinas e, em resposta, no tejadilho cinzento abaulado do furgão, as sombras delgadas dos ramos das tílias precipitavam-se de cabeça para baixo para ganharem substância, mas dissolviam-se sem se materializar. A casa em frente estava parcialmente envolta em andaimes, enquanto a parte sã da sua fachada de tijolo se cobria de hera que invadia as janelas. Na outra ponta do carreiro que atravessava o seu pátio da frente, podia distinguir a tabuleta negra de uma carvoaria.

Em si mesmo, tudo isto constituía uma vista, tal como o quarto era ele mesmo uma entidade separada; mas agora aparecera um intermediário e esta vista tornou-se a vista deste quarto e nenhuma outra. A qualidade de vista a que agora acedera não a melhorava. Seria difícil, meditou, transformar o papel de parede (amarelo-claro às tulipas azuladas) numa estepe distante. O deserto da secretária teria de ser lavrado durante muito tempo antes de poder dar as primeiras rimas. E muita cinza de cigarro teria de cair para baixo da poltrona e para as suas dobras antes de ficar boa para viajar.